

## O(s) PROCESSO(s) DE ESCRITA DE TEXTO BIOGRÁFICO HISTÓRIA DE FAMÍLIAS

*Norma Shizuko Shiosawa Kimura – UNESP/Marília*

### INTRODUÇÃO

Partindo da concepção de que a escola de hoje não é somente um espaço institucional transmissor de conhecimentos, mas sobretudo, um lugar onde se criam condições para a produção de novos conhecimentos e acreditando que, ao aprender uma língua, aprendem-se também outras coisas por meio dela, desenvolvi um projeto de produção de texto biográfico – História de Famílias. Focalizei a vivência dos processos de conhecimentos, para que a escola se transformasse em lugar para pensar, criticar, elaborar, construir, discutir, produzir, considerando essas ações importantes na formação do aluno.

Considerando as condições necessárias à produção de um texto – *dizer alguma coisa a alguém sob determinada forma*, busquei no gênero textual Biografia, desenvolver atividades de linguagem em situações discursivas, focalizando as FAMÍLIAS, que têm suas próprias histórias. A sua escrita proporciona um ensino-aprendizagem de produção de conhecimentos voltada para a própria realidade do aluno.

Uma prática comum acerca do texto escrito é considerá-lo apenas o seu resultado. Pensar a escrita de um texto implica considerar e discutir o mesmo, não apenas em seu resultado, mas também em seu processo de criação, constituído por múltiplas operações que o aluno deve realizar.

Duas perguntas acerca da escrita *histórias de família*, desencadearam-se e as tomei como objeto de estudo

**1) Quais são as características do processo de escrita biográfica por esses alunos?**

**2) Que processos relacionais e lingüísticos relevantes são deflagrados na relação do aluno com a família e seus membros, por meio da e/ou durante a produção escrita da história de família?**

### **Referencial teórico**

O projeto de escrita das *histórias de família* foi estruturado numa proposta de ensino e aprendizagem da língua, do lingüista João Wanderley Geraldi que defende a necessidade de uma correlação da construção do objeto da ciência – as teorias da linguagem, com os conteúdos de ensino para o qual exemplifica atividades de produção de texto, de leitura e de análise lingüística. Aceitei junto de cento e quatorze alunos, interessados na escrita de histórias de família, de sétima e oitava séries de uma escola pública, filhos operários de indústrias, comerciantes, empregados do comércio, funcionários públicos e empregados domésticos, o desafio ao qual o lingüista chama de aventura intelectual de produção e não de mera reprodução de um produto já elaborado. Uma aventura planejada com o objetivo de escrever as histórias de família, atendendo à superestrutura deste gênero textual, conferindo ao texto a coerência e coesão de forma e conteúdo, no registro da modalidade padrão da língua escrita.

Geraldi levanta uma questão sobre a necessidade de se ter uma concepção de linguagem no ensino da língua e que refletir sobre ela, ilumina a atuação do professor em sala de aula. Orientada por uma concepção de produção de linguagem como resultado de uma atividade discursiva, na qual sujeitos se constituem e interagem (Bakhtin), a escrita da *Histórias de Família*, além de ser um tema, atende às condições necessárias à produção de um texto. Define a própria família como destinatária e interlocutora de seus textos. A estratégia do dizer - uma atividade interlocutiva – entre o aluno, que escreve e o professor, que como leitor, questiona, sugere, testa o seu texto e constrói-se como co-autor que aponta caminhos possíveis para o aluno dizer o que quer dizer, na forma que escolheu.

O projeto de escrita de *Histórias de Família* foi planejado para ser desenvolvido no período de um semestre.

### **Leitura do gênero histórias de família**

Desenvolvemos a leitura de “*A Menina que fez a América*” e “*A Menina que descobriu o Brasil*” (Laurito, 1999), narrativas das histórias de uma família que tematizam a

imigração italiana. O primeiro é a história de Fortunatella, protagonista da narrativa que relata, em primeira pessoa, sua vida antes dos dez anos de idade e de sua família, na Itália. Era o momento em que os italianos estavam emigrando para o Brasil. A segunda leitura mostra Fortunatella, já no Brasil, entre 11 e 20 anos de idade, suas vivências junto da família e vizinhos na cidade de São Paulo, no início do século passado: o retrato de uma família italiana em formação, com o nascimento de muitos filhos e muito trabalho. O trabalho com as narrativas teve a finalidade de observar os assuntos e o modo de organizá-los e a leitura foi feita na sala de aula em voz alta, proporcionando espaço de discussão e os alunos foram percebendo que os assuntos de uma família são semelhantes entre si. Notavam que muitas histórias narradas coincidiam com a realidade de suas próprias famílias. Histórias semelhantes, repercutiram em momentos de reflexão coletiva acerca do contexto histórico e social de uma época, até então, desconhecidos e distantes desses leitores. Curiosidades surgiram acerca dos valores e comportamentos representados pela história de uma família de imigrantes italianos.

Tendo em vista que esta pesquisa busca valorizar o **processo**, considero este procedimento de leitura importante. As diferentes histórias – do aluno e da personagem, e os momentos diferentes – o presente e o passado, possibilitaram estabelecer comparações entre as experiências de suas famílias com as histórias da narrativa. As leituras compartilhadas com os alunos abriram um espaço na escola no qual ele pôde observar, pensar, refletir, contar, comparar, ações importantes à aprendizagem e à formação humana.

### **A Entrevista com a família**

Elaboramos um roteiro de entrevista a ser realizado com a família, buscando os nomes de pessoas, as datas dos eventos que marcaram suas vivências, a descrição dos lugares por onde passaram e as transformações marcadas pelo tempo. As entrevistas colocaram o aluno em contato com pessoas da família de gerações anteriores – pais, tios, avós, bisavós que se sentiram valorizadas por terem sido procuradas para falar de suas vidas. Buscaram, na memória, as recordações sobre os movimentos da migração no Brasil.

Descreveram as características dos bisavós, avós, pais, tios, padrastos e madrastas e etc. e o relacionamento familiar, relataram o árduo trabalho em lavouras, a escola da época dos avós lembradas por suas festas e comemorações cívicas, a religiosidade presente no dia-a-dia da comunidade (terços, missas, procissões), as festas religiosas com quermesses, onde alguns casais se conheceram. Relataram, ainda, a fusão da culinária - do feijão mineiro em fogões à lenha à macarronada italiana aos domingos -, o analfabetismo e a discriminação às mulheres que foram impedidas de freqüentar escolas, as saudades das brincadeiras de rua quando crianças, as lembranças das cadeiras nas calçadas e as longas conversas entre a vizinhança, o gosto pelas histórias de fotonovelas e os programas de rádio, os noivos com quem não se casaram entre outros assuntos.

Em um questionário que buscou mapear como as famílias reagiram às recorrências do passado, os alunos relataram que a procura pelas histórias do passado repercutiu em sessões de reuniões de família e a aproximação entre avós, pais e filhos que juntos se sentaram para conversar sobre as memórias. Para a família, o encontro com o passado causou emoções: uma onda de sentimentos contraditórios em que lágrimas e vozes embargadas eram disfarçadas com muitos risos.

### **A escrita do gênero textual histórias de família**

Em *A menina que fez a América* e *A menina que descobriu o Brasil*, a autora escreveu a história de cada membro da família em capítulos individuais e organizou-os obedecendo à seqüência temporal - do antigo para o atual. Tomando como base este método de organização, os alunos, ao produzirem as narrativas das histórias de suas famílias, escreveram as histórias de seus bisavós, avós, pais, tios, irmãos, separadamente. Atentos à ordem cronológica dos eventos, as histórias individuais foram organizadas na seqüência de acontecimentos e organizadas por meio dos conectivos temporais, a progressão da narrativa direcionava a configuração textual.

Uma trajetória de leitura de cada produção textual repercutiu numa relação interlocutiva entre mim e o aluno escritor sobre *o que ele tinha a dizer*. As diversas perguntas que seu texto suscitava foram se transformando em assuntos da narrativa.

Como leitora de meus alunos, comecei a conhecê-los melhor, e assim, interessei-me por suas histórias e passei a direcionar a atenção dos alunos para a necessidade de se observar a forma de dizer o que tinham a dizer. A interlocução entre mim e o aluno como norteadora do processo de ensino-aprendizagem favoreceu uma reflexão sobre as *estratégias do dizer*. Das atividades lingüísticas a serem trabalhadas, fiz um recorte segundo a categorização dos problemas que emergiam dos textos produzidos por esses alunos e suas necessidades individuais: 1) problemas de ordem estrutural, relativas às questões de configuração do texto como um todo, seus objetivos, suas seqüências de modo que o texto se definisse numa silhueta própria do gênero biográfico. 2) problemas de ordem sintática, revisando as formas de estruturação dos enunciados, concordância nominal e verbal, regência e ordem dos elementos no enunciado, reescrevendo as frases ambíguas. 3) problemas de ordem de convenções ortográficas.

O trabalho de escrita em situação real, visando à recuperação da história da família e à elaboração de um livro da turma com essas histórias repercutiu em envolvimento com a aprendizagem da língua escrita. O aluno, sabendo que seu texto era para valer e se tornaria um documento biográfico para a família e parte de um livro, passou a se preocupar com o uso da palavra e a se responsabilizar pelo que dizia e pelo como dizia. Nesta perspectiva, juntos nos debruçamos sobre seu texto, analisando a sua palavra escrita e a minha contra-palavra. Assim como Geraldí, considerei o texto ponto de encontro entre o professor e o aluno, ponto de partida e ponto de chegada de uma caminhada a dois, companheiros que nos tornamos nesta aventura de produção de histórias de família.

### **Fotografias da Família**

A leitura de *Retrato de Família*, poema de Carlos Drummond, incentivou os alunos a buscar por fotografias antigas. O trabalho co-participativo de legendar as imagens das pessoas e dos lugares e o envio dessas fotografias a mim, professora de seus filhos e netos, evidenciaram ainda mais o interesse da família pela produção do texto biográfico. Nesta etapa que exigia controles de diferentes ordens, os alunos demonstraram empenho

em resolver problemas com o arquivo do material, criando um envelope para cada aluno com os respectivos documentos fotográficos e narrativas biográficas.

Nem todos os alunos dominavam habilidades necessárias para o uso do computador, desta forma aqueles que tinham mais conhecimentos em informática, organizaram-se em grupos e assumiram responsabilidades, auxiliando os colegas a digitar os textos, a escanear fotografias e a imprimir as narrativas.

Exercício fascinante este de recuperar os nomes de pessoas, conhecer o rosto e reconhecê-lo como da família, conhecer também seus hábitos do dia-a-dia os lugares por onde passaram. Exercício fascinante o de espalhar as muitas fotografias da família pela mesa e mirar o rosto, procurando as semelhanças. Trabalho rigoroso esse de anotar em muitas folhas soltas de cadernos e enumerá-las para não confundir a ordem seqüencial. Produção de texto fascinante o das histórias de família, que como as partes soltas de um jogo de “quebra cabeça” precisam ser organizadas para montar uma paisagem, assim também as narrativas de vida de cada pessoal, parte de um todo, precisam ser organizadas e juntadas. E, cada uma em seu lugar, formam o texto biográfico – HISTÓRIA DA FAMÍLIA. Interessante descoberta saber de onde surgiu o Eu.

*“...Perguntei para meu pai/-Pai, onde é que você nasceu?/Ele então me respondeu/Que nasceu lá em Recife/Mas seu pai que é o meu avô/Era filho de um baiano/Que viajava no sertão/E vendia coisas como/Roupa,panela e sabão/  
E que um dia foi caçado/Pelo bando do Lampião/Que achava que ele era/Da polícia, um espião/E amarraram ele no pau/E se fez a confusão/Pra matar depois do almoço/E ele então desesperado/gritava socorro/e uma moça apareceu/Bem no último instante/E gritou para aquele bando/-Esse rapaz é comerciante!...”*

**(Paulo Tatit)**

### **Considerações Finais**

Buscando respostas acerca da importância de descrever o processo de escrita de biografias, considero importante pensar nas circunstâncias que caracterizam o projeto de escrita histórias de família. As interações entre aluno e família, aluno-professor e aluno-aluno estabeleceram relacionamentos de confiança e transformaram a sala de aula em espaço seguro para escrever a biografia e produzir um conhecimento.

Considero que o processo de escrita de texto biográfico construiu um percurso no qual o aluno pôde pensar, criticar, elaborar, construir e produzir - realizações de coisas que valem por si mesmas, acredito. Trata-se de um processo de vivências e construções que possibilitam ao aluno o desenvolvimento da consciência do conjunto.

O trabalho de escrita que buscou a vivência e o conhecimento dos processos de produção de conhecimentos fez com que eu buscasse conhecimentos teorizados que fundamentassem uma prática possível em sala de aula. A vivência do processo possibilitou-me conhecer os alunos e suas histórias de vida.

Do ponto de vista educativo, o conhecimento a respeito do outro é essencial à aprendizagem: conhecer para respeitar, compreender, analisar e, sobretudo para estabelecer vínculos e dialogar. Sinto a minha prática pedagógica mais humana, na medida em que nos tornamos companheiros, neste percurso: **O PROCESSO.**